

APRESENTAÇÃO EDITORIAL

Thiago de Azevedo Porto

Doutorando em História Comparada (PPGHC/IH/UFRJ)
Professor de História Antiga e Medieval (UFPA/FAHIST/Bragança)

Na atual conjuntura nacional e internacional de crises humanitárias e sistêmicas associadas ao modelo capitalista de hegemonia do mercado sobre as economias locais, em um período histórico de quebra de antigos paradigmas (como a globalização e os grandes blocos econômicos) e de saídas encontradas que apontam para uma restauração de políticas, anteriormente, abandonadas ou tidas como superadas (o nacionalismo de extrema-direita, o protecionismo como política econômica, o fechamento de fronteiras), em suma, em um contexto de dúvidas, inseguranças e, ao mesmo tempo, de avanço de fundamentalismos, dos mais diversos, como resposta supostamente adequada para as dificuldades e os desafios atuais, a revista *Veredas da História* marca sua posição na Historiografia Brasileira em defesa da diversidade, da crítica e da ampliação dos debates acadêmicos e científicos.

Ao invés de pretender guiar as mentes e as reflexões de seus leitores em uma caminhada segura, em que tudo faz sentido e se encaixa numa lógica coerente, tal como nas correntes filosóficas de base fundamentalista que encontram cada vez mais adeptos nas redes sociais e na internet, esta revista segue apoiando-se nos princípios e nos valores que alavancaram o conhecimento científico no último século e que fortaleceram avanços sociais e culturais, sobretudo nos países (até então) em desenvolvimento. A diversidade como princípio de agregação social e de convivência pautada no respeito recíproco, a crítica como instrumento de transformação e superação de modelos explicativos, o debate como método prioritário para a produção de um conhecimento que não se fecha em si mesmo. É neste caminho de resistência, “remando contra a maré”, que a atual edição de *Veredas da História* se apresenta aos leitores.

O primeiro artigo, intitulado “DIÁLOGO DE SURDOS OU VOZ QUE CLAMA NO DESERTO? UM BREVE ENSAIO SOBRE O REVISIONISMO HISTORIOGRÁFICO NA MEDIEVÍSTICA BRASILEIRA DO SÉCULO XXI”, de Bruno Gonçalves Alvaro, coloca em foco a retomada atual dos, assim chamados,

“clássicos” sobre senhorio e feudalismo por medievalistas brasileiros. Através de uma abordagem desconstrucionista e crítica (principalmente quanto ao uso do conceito de “revisãoismo”), o autor aponta que a iniciativa de releitura dos “clássicos” tem sido rotulada de “revisãoismo” em certos ambientes acadêmicos de forma pejorativa, como uma estratégia para inibir ou constringer os que enveredam por esse caminho. Ao invés de fugir do conceito como forma de negar o próprio rótulo pejorativo, Bruno Gonçalves Alvaro aponta para o “sério revisãoismo” que vem sendo realizado por alguns medievalistas brasileiros, como uma prática historiográfica fecunda para a ampliação dos espaços de debate e também como uma estratégia de resistência social perante as relações de poder manifestadas nos ambientes institucionais.

Seguindo a mesma trilha do orientador, mas sem abrir mão de suas próprias escolhas, Cassiano Celestino de Jesus explora o desenvolvimento e as repercussões da *Teoria Queer* aplicada aos estudos históricos no artigo “O QUE É A TEORIA QUEER? NOTAS INTRODUTÓRIAS DE UM SABER SUBALTERNO, SUBVERSIVO E CONTRA-HEGEMÔNICO”. No referido texto, o autor destaca a utilização deste referencial teórico como um instrumento para problematizar “regulações sexuais e de gênero socialmente impostas que criam e mantêm desigualdades de toda ordem”. A partir de uma argumentação corajosa, despida de falso moralismo e fundamentada em teóricos como Michel Foucault, Jacques Derrida e Judith Butler, o autor do artigo ressalta que a *Teoria Queer* perturba as estruturas clássicas de poder e conhecimento, permitindo aqueles que são marginalizados, por não se enquadrarem nos padrões sexuais e de gênero vigentes na sociedade, encontrarem um caminho para pensar a multiplicidade das identidades e problematizar o regime de enquadramento social.

Se nos dois primeiros artigos desta edição a revista *Veredas da História* apresenta textos que problematizam a relação entre teoria e historiografia, no terceiro e no quarto artigos entram em destaque metodologias e técnicas de análise que exploram suas fontes através da narrativa e do discurso.

A começar pelo artigo “RECONSTRUÇÃO DO PASSADO E INFLUÊNCIA MIDIÁTICA: O SÉCULO XIX PELA NARRATIVA DE *BIOSHOCK INFINITE*” de Gustavo Silveira Ribeiro e Rafael de Moura Pernas. Partindo de uma análise da narrativa tal como elaborada no jogo eletrônico *Bioshock Infinite*, os autores abordam a reconstrução do passado como um processo que, não poucas vezes, extrapola o âmbito da escrita da história, ensejando verdadeira disputa pela significação do passado. Nesse

sentido, os autores apontam um agenciamento na (re)construção do passado pelo jogo *Bioshock Infinite* e que está relacionado ao advento de uma *cultura da mídia* e suas diferentes linguagens. No caso em estudo, Gustavo Silveira Ribeiro e Rafael de Moura Pernas apontam a construção de um passado que reflete “a dominação do homem branco europeu perante todos” e que, por isso mesmo, se vale de “um repositório de imagens e discursos pejorativos em relação a diversos grupos étnicos raciais”. Importante, entre outras coisas, por apontar o processo de construção do passado através de uma mídia eletrônica, e não da historiografia, o artigo ainda ressalta que este empreendimento pode também ser mobilizado de forma diferente da que foi identificada no jogo *Bioshock Infinite*, ou seja, refletindo outros projetos de sociedade.

Já o artigo “CANONIZAÇÃO, PODER E DISCURSO NO SÉCULO XIII: UMA ANÁLISE CRÍTICA E GENEALÓGICA DO PROCESSO DE DOMINGOS DE GUSMÃO”, de Thiago de Azevedo Porto, explora a linguagem textual do processo de canonização de Domingos de Gusmão através de uma análise do discurso nos moldes foucaultianos. O autor destaca a dinâmica de relações de poder manifestadas na causa de canonização do antigo mestre geral da Ordem dos Pregadores, com base em uma dupla análise do discurso (crítica e genealógica). Na primeira parte da análise, o autor identifica “uma série de formas de controle atuando sobre os testemunhos reproduzidos nas atas de Bolonha”, o que refletiria a valorização das práticas jurídicas e suas formas de conhecimento no âmbito dos projetos pontifícios, como uma estratégia operada para garantir o “controle sobre a natureza e o conteúdo das devoções” nos cultos oficializados pela Igreja Romana. Já na análise genealógica do discurso, Thiago de Azevedo Porto explora o “conjunto de regularidades que dão coerência e sentido aos relatos dos testemunhos”, apontando a existência de “um processo de formação organizada do discurso” que visava a contemplar os propósitos iniciais do inquirido e se adequar “aos critérios de avaliação e ao significado da santidade tais como foram desenvolvidos pelo papado ao longo dos séculos XII e XIII”.

Assim sendo, diferentes formas de linguagem (eletrônica e textual) foram tomadas como base documental para as investigações historiográficas desenvolvidas nos dois artigos anteriores. Ao sistematizarem suas análises (da narrativa e do discurso), os autores apresentaram aos leitores, entre outras coisas, possibilidades diversas no uso de técnicas e métodos que já vigoram entre os historiadores brasileiros. Nos três últimos

artigos desta edição da revista *Veredas da História* destacam-se abordagens historiográficas com relação ao campo de observação do pesquisador.

No artigo intitulado “ANÁLISE DAS LISTAS NOMINAIS DOS FAZENDEIROS E LAVRADORES DE SÃO FRANCISCO XAVIER DE ITAGUAÍ NAS PUBLICAÇÕES DOS IRMÃOS LAEMMERT (1850 – 1885)”, Max Fabiano Rodrigues de Oliveira coloca em destaque a produção agrícola no município de Itaguaí e o perfil dos fazendeiros que tinham seus nomes publicados em dois almanaques que traziam informações sobre as três freguesias de São Francisco Xavier de Itaguaí. A partir do cruzamento de dados sobre os assinantes dos almanaques com as listas de fazendeiros e autoridades locais das freguesias, bem como da comparação desses dados em diferentes períodos, o autor percebeu a diminuição dos nomes dos fazendeiros nas publicações e o surgimento de novas categorias para classificar os cultivos das fazendas. Assim, foi possível apontar o impacto da crise cafeeira na produção agrícola e nas relações sociais em Itaguaí: alguns fazendeiros empobreceram e se tornaram lavradores, outros diversificaram os seus cultivos (saindo da monocultura do café, para a policultura de sobrevivência) e uma minoria concentrou o *status* de fazendeiro de café (sendo amplamente representados nos cargos da administração local).

Seguindo a mesma trilha da História Social com o foco numa realidade local, Karine Codeça das Mercês de Queiroz explora o sistema de classificação no presídio de Muxima (Angola, sécs. XVIII-XIX), com o intuito de analisar o “modo pelo qual as qualidades de cor e patentes foram elementos de hierarquização e parâmetros classificatórios utilizados” no referido presídio. Tal é o escopo do artigo “QUALIDADES DE COR E PATENTES: CRITÉRIOS DE HIERARQUIZAÇÃO NO PRESÍDIO DE MUXIMA (REINO DE ANGOLA, FINS DO SÉCULO XVIII E INÍCIO DO XIX)”. Utilizando as listas e os mapas de população daquela localidade, a autora destaca que a utilização da cor e da patente como padrões classificatórios não são um efeito direto e exclusivo das diretrizes de Lisboa (Angola, neste contexto, era parte do Império Português), ao contrário, surgem de uma interação com as realidades local e regional, onde se inserem a escravidão, o tráfico de escravo e a formação de hierarquias nativas.

Já numa linha de História das Relações Internacionais e de análise geopolítica, por fim, o artigo “A MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA DE 1816 E A DIPLOMACIA DE JEAN-BAPTISTE MALER”, de Lucas de Araujo Barbosa Nunes, aborda as ações e

os motivos do cônsul-geral da França no Brasil em suas iniciativas de investigação e perseguição aos artistas reunidos por Joachim Lebreton. Tomando como base correspondências diplomáticas, hoje reunidas nos *Archives Diplomatique du Quai d'Orsay*, o autor analisa os argumentos e as iniciativas de Jean-Baptiste Maler com relação à chegada e atuação no Brasil da referida missão artística francesa. Lucas de Araujo Barbosa Nunes ressalta que as atividades daquele “cônsul geral no Brasil foram marcadas por um profundo sentimento contrário a tudo o que parecesse ameaçar a monarquia restabelecida na França”, o que seria o principal motivo para as suas reações ao grupo de artistas franceses reunidos e coordenados por Lebreton.

Mesmo tratando de realidades distintas e utilizando fontes diferentes, os três últimos artigos se aproximam ao apresentarem aos leitores visões sobre articulações possíveis entre local, regional, nacional e internacional em abordagens historiográficas. Por coincidência, ou não, os autores contextualizaram suas análises em um período histórico (séculos XVIII e XIX) em que estas articulações se problematizaram com as ondas de revoluções e nacionalismos, com as lutas de independência e a contestação de impérios coloniais em diferentes partes do mundo.

Além dos artigos aqui brevemente apresentados, a revista *Veredas da História* traz também nesta edição uma resenha e uma entrevista.

Com o título “HOMOSSEXUALIDADES, REPRESSÃO E RESISTÊNCIA EM TEMPOS DE DITADURA NO BRASIL”, Kelly Márcia de Moura Leal resenhou o livro *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca pela verdade*, de autoria de James Green e Renan Quinalha. A autora abordou cada um dos capítulos do livro, que é uma obra coletiva, dando detalhes e apresentando conclusões presentes em cada texto. O referido livro foi organizado a partir dos trabalhos realizados pela Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva” e pela Comissão Nacional da Verdade (CNV), que em suas audiências geraram “materiais para compor os relatórios das comissões e que, em seguida, deram origem a publicação do livro”. A autora destaca que a diversidade de áreas de conhecimento dos autores possibilitou uma abordagem interdisciplinar da questão da homossexualidade inserida no problemático contexto histórico de perseguição, censura e enquadramento social autoritário no âmbito da ditadura civil-militar que se estabeleceu no Brasil a partir de meados da década de 1960.

Por fim, a entrevista intitulada “FAZENDO GÊNERO NA MEDIEVALÍSTICA: ENTREVISTA COM ANDRÉIA CRISTINA LOPES FRAZÃO DA SILVA”, que foi conduzida por Marcelo Pereira Lima e teve como foco os Estudos de Gênero na área de História, mais precisamente no campo das pesquisas sobre a Idade Média. A entrevistada foi a Prof.^a Dr.^a Andréia Frazão que é uma das coordenadoras do Programa de Estudos Medievais da UFRJ e tem longa experiência no tema, tal como se comprova em seus projetos de pesquisa e em suas publicações. Antes da entrevista propriamente dita, o entrevistador faz uma breve introdução sobre os Estudos de Gênero na área da História, destacando marcos iniciais, questões conceituais e contextuais, bem como os desafios para o avanço deste campo de estudo na historiografia brasileira, em particular entre os(as) medievalistas. Ao longo da entrevista, Marcelo Pereira Lima soube explorar bem a experiência e o conhecimento mobilizado pela professora Andréia Frazão em suas investigações e orientações no âmbito do Instituto de História da UFRJ. Partindo da trajetória profissional e acadêmica da referida historiadora, passando por sua aproximação com os Estudos de Gênero, pela forma como ela entende e opera as categorias/conceitos em suas análises, pela recepção deste tipo de estudos nos ambientes institucionais e pelo público, entre outros aspectos abordados na entrevista. Enfim, um quadro bastante atual sobre os Estudos de Gênero na medievalística brasileira, repleto de detalhes e exemplos que ajudam a ilustrar a forma como a professora Andréia Frazão trabalhou nos últimos 15 anos, e que servirá de guia aos estudantes, pesquisadores e mesmo aos simples interessados em aprofundar seus conhecimentos neste campo de investigação.

Do início ao fim, do primeiro ao último texto, a atual edição de *Veredas da História* se apresenta aos leitores como uma manifestação de resistência intelectual brasileira no contexto de uma crise de valores (verdadeiro *déficit* de senso humanitário) que atinge não só os ambientes acadêmicos, mas a sociedade como um todo, o que se comprova cotidianamente com o crescimento dos índices de violência (que refletem situações reais) e o embate estabelecido entre as diferentes instituições que compõem os poderes supostamente organizados no Brasil republicano. Contra a imposição de um “caminho único” na Historiografia e na sociedade, a *Veredas da História* se posiciona em defesa da diversidade, da crítica e do debate como bases norteadoras do desenvolvimento acadêmico/científico e da própria sociedade brasileira.